



ARTIGOS



Gênero e violência em discurso no YouTube

Lucas da Silva Martinez, *Prefeitura Municipal de Santa Maria*

Sueli Salva, *Universidade Federal de Santa Maria*

Resumo. O objetivo do estudo é analisar e problematizar alguns discursos endereçados às mulheres no YouTube, a partir das questões de gênero. A partir da lente teórica dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, foram analisados fragmentos discursivos encontrados em vídeos do YouTube dos youtubers Júlio Cocielo e Kéfera Buchmann, observando nestes uma proliferação de discursos endereçados a meninas e mulheres carregados de violência de gênero. A mulher é exposta a diferentes tipos de violências, discriminação, julgamento moral, controle do corpo e comportamento. O movimento feminista e os estudos de gênero, podem ser importantes aliados para compreender e problematizar impactos desses discursos na construção de identidades femininas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Cultura. YouTube. Violência. Discurso.



Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutoramento em Educação em uma universidade no sul do país. A intenção do texto consiste em provocar os leitores a refletirem sobre as relações de gênero, especialmente mediadas pela violência e endereçadas às jovens mulheres, a partir do YouTube. O objetivo do estudo é analisar e problematizar alguns discursos endereçados às mulheres no YouTube, a partir das questões de gênero.

O estudo original busca mostrar os discursos e pedagogias endereçadas aos jovens que circulam na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube (BURGESS; GREEN, 2009). O YouTube funciona opera como uma instituição pedagógica imaterial que, subjetiva o público infantil e juvenil em diferentes direções, a partir das suas ferramentas e mecanismos algorítmicos e de suas lições e influenciadores digitais (MARTINEZ, 2022). Para tanto, parte da amostra ainda durante o processo de qualificação de pesquisa revelou que, grande parte destes discursos, mesmo sem um vídeo com título e temas relacionados, questões de gênero estão geralmente presentes. Reunimos algumas dessas discussões neste texto.

Entendemos, amparados nas discussões oriundas dos Estudos Culturais em Educação que a mídia, em especial, a digital, tem forte acento pedagógico e atua em direção aos sujeitos, produzindo subjetividades (ANDRADE; COSTA, 2015; GIROUX, 2009; GIROUX; MCLAREN, 2001; HALL, 1997; KELLNER, 2001; 2009). A cultura digital, a partir da velocidade e facilidade de compartilhamento (JENKINS, 2009; JENKINS; FORD; GREEN, 2014), torna possível que múltiplos discursos circulem em suas plataformas, entre elas o YouTube.

O texto se divide em quatro parte, a saber: as notas metodológicas, que situam o leitor das escolhas e do caminho tomado neste artigo; a segunda seção que trata dos feminismos e a denúncia aos discursos violentos endereçados às mulheres; a discussão as discursividades selecionadas neste texto e, por fim, as considerações finais.

Notas metodológicas

Nesse artigo analisamos fragmentos discursivos em alguns vídeos dos cinco youtubers brasileiros mais relevantes na plataforma, a partir de critérios existentes (BRASIL..., 2016; THINK WITH GOOGLE, 2016;



MARINHO, 2017) e demais estabelecidos durante o estudo. O critério principal de inclusão dos youtubers é a seleção dos que produzem vídeos do gênero vlog, produtos audiovisuais informativos que falam sobre o cotidiano e usam de narrativas de si como elemento principal (SIBILIA, 2016).

Inspirados na análise discursiva a partir da obra de Michel Foucault (FOUCAULT, 1999; 2015; FISCHER, 2001; VEIGA-NETO, 2007) nesse artigo, discutimos alguns fragmentos encontrados em uma parte da amostra da tese em questão. Antes de estabelecer recorrências dos ditos e enunciados, optamos por mostrar, a partir da dispersão e da heterogeneidade discursiva, traços de discursos endereçados às mulheres no YouTube, especialmente do ponto de vista da violência que geram.

Para tanto, a amostra geral que constitui a materialidade da pesquisa são os vídeos mais populares de cinco youtubers selecionados, a saber: Júlio Cocielo, Kéfera Buchmann, Luba, Nilce Moretto e Leon Martins e Felipe Neto. Desdobrando o tema da tese, ressaltamos a relevância desses produtos culturais, os vídeos, na produção de subjetividades e comportamentos, especialmente associados às questões de gênero. A partir de um recorte feminista, buscamos como alguns desses discursos, produzidos ou não por mulheres, buscam não só diferenciar o comportamento feminino, como, na maior parte das vezes, torná-lo alvo de regulação e violência.

Neste artigo, concentramos nosso olhar sob quatro vídeos: “As possíveis indecisões femininas” e “Vendas Eletrodomésticas”, do youtuber Júlio Cocielo; e os vídeos “5inco Minutos - MEU FILME PORNÔ” e “5inco Minutos - TÉRMINO DE RELACIONAMENTO!” da youtuber Kéfera Buchmann. Estes vídeos fazem parte da amostra inicial selecionada em 2019.

Alertas feministas: ameaças, vilipêndios e fragilidades

O movimento feminista, considerado por Alberto Melucci (2001) como um dos mais importantes do século XX, denominado de movimento emergente, provocou e provoca mudanças significativas na vida das mulheres. O feminismo segundo Michele Perrot (2012, p. 155) é um movimento de luta pela igualdade dos sexos, age em ondas, “[...] é intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em



organizações estáveis [...]. É um movimento, não um partido”. Luta pelo direito ao saber, direito ao trabalho, ao salário, aos direitos civis, políticos, ao corpo. A luta feminista considera um avanço a chegada da pílula anticoncepcional, o direito ao trabalho fora do âmbito privado, ao voto, a educação, direito de concorrer a cargos públicos, discussões sobre sexualidade, direito reprodutivo, controle do próprio corpo pelas mulheres, direito ao prazer, o que se pode pensar que houve certo avanço nas políticas e valorização da mulher, no entanto, a integralidade de direitos, representatividade, respeito ainda estão distantes do ideal. Como enfatiza Michelle Perrot (2007, p. 162): “O feminismo suscita um antifeminismo mais ou menos virulento, que vai da caricatura misógina à crítica política mais radical”. Além disso, discursos veiculados em diferentes artefatos midiáticos parecem contribuir para que a mulher e as meninas sejam desacreditadas, vulgarizadas, estigmatizadas.

Ainda que se reconheça que as mulheres, através de suas lutas, tenham conquistado alguns direitos, não podemos negligenciar o fato de que esses direitos não alcançaram a todas as mulheres, nem o fato de que ter avançado em termos legais, tenha provocado mudanças profundas nos discursos sobre as mulheres a ponto de impactar em uma mudança de cultura, uma vez que em termos culturais, somos uma sociedade marcadamente machista, que desqualifica, desrespeita, agride e mata mulheres (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA, 2021) e ainda vivemos momentos mais intensos de antifeminismos expressos de diferentes modos e em diferentes contextos midiáticos e na política. Perrot alerta que:

Integralismos políticos e religiosos fazem da ordem dos sexos e da dependência das mulheres um dos seus pilares. Efeitos perversos inesperados, se produzem: solidão, confronto, violência, conjugal ou de outro tipo, talvez mais visível ou realmente agravada pela angústia identitária, marcam as relações entre os sexos, quase sempre tensas (PERROT, 2007, p. 169).

Em diferentes âmbitos de nossa sociedade, discursos sobre as mulheres operam como forma de produzir identidades femininas, em geral, como objeto do e para o homem. Esses discursos encobrem violências sobre a mulher, expõem as hierarquias entre os sexos que persistem. Embora a discussão sobre a violência contra as mulheres tenha se intensificado nos últimos anos e durante a pandemia de Covid-19 tem aumentado, ela não é evento recente, ainda assim, o fato do tema estar na pauta contemporânea, a violência contra a mulher não demonstra sinais



de que está se aproximando do fim. De acordo com o relatório “Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil”,

A violência de gênero é hiperendêmica no Brasil. A expressão, no vocabulário da saúde pública, descreve doenças persistentes e de alta incidência. Mais do que uma epidemia, portanto, em que uma enfermidade avança de forma expressiva, não esperada e delimitada no tempo, esse problema é melhor descrito no país pelo conceito de hiperendemia, que se refere à manutenção, em patamares altos, de uma doença social que já se manifesta com frequência (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA, 2021, p. 21).

De acordo com Saffioti (2004) a violência é normalmente associada a uma agressão física sendo esse o entendimento aceito como único e verdadeiro. Para a autora, no entanto, a violência é “[...] ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004, p. 17). Quando uma ação não afeta a integridade física, ou não é algo visível, ainda assim pode ser considerada violência, no caso violência psíquica e moral, que causa danos, traumas, deixando as mulheres e meninas mais vulneráveis. Um discurso sexista, que desqualifica a mulher, pode ser um ato de violência. São discursos que até pouco tempo, embora presentes na estrutura da sociedade de forma hegemônica, tinham um alcance pode-se dizer restrito. Hoje tais discursos se espalham de forma muito rápida através das mídias eletrônicas e o YouTube é um desses artefatos midiáticos de grande alcance que rapidamente espalha discursos sobre as pessoas e de forma bastante agressiva contra as mulheres. A título de exemplo destaca-se um excerto desses discursos produzidos no canal de Júlio Cocielo transmitidos pelo YouTube que serão detalhados mais adiante. Em um relacionamento, “[...] o sexo masculino e o feminino muda: não existe mais, agora é masculino e puta. Toda mulher do mundo além da sua é puta” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).

Essa forma agressiva da produção de discursos sobre a mulher, está alicerçada na ordem patriarcal, no poder do macho, heterossexual que para estar dentro dessa ordem precisa dirigir-se a mulher de modo agressivo, menosprezando-a, desqualificando-a para poder sentir-se poderoso, sentir-se superior a ela. Para Connell e Messerschmidt (2013, p. 271): “Qualquer estratégia de manutenção do poder é mais comumente envolvida na desumanização de outros grupos e num correspondente definhamento da empatia e do envolvimento emocional subjetivo”. A



produção de masculinidades hegemônicas, a partir do patriarcado, dependem da desvalorização da mulher.

A desqualificação da mulher por ser “puta”, que significa aquela que usufrui do direito ao prazer sexual é construído com base em um discurso religioso. Michelle Perrot (2007, p. 64) destaca que para o cristianismo “[...] o pecado da carne é o mais terrível dos pecados. [...] A virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças”. Mesmo que o discurso da virgindade já não tenha tanto efeito na sociedade de hoje, a designação de “puta” opera como modo de desqualificar a mulher. O sexo para as mulheres é para desfrute e prazer dos homens. “As mulheres cuja sexualidade não tem freios são perigosas. Maléficas, assemelham-se a feiticeiras, dotadas de vulvas insaciáveis” (PERROT, 2007, p. 66). Ainda que a mulher seja considerada pelos homens, desequilibrada, frágil, “puta”, consumista, homens não vivem sem elas: “[...] mulher é uma parada chata, mas ao mesmo tempo é legal e a gente não consegue viver sem” (transcrição do vídeo).

Saffioti (2004) afirma que elas ainda suportam violências e agressões de forma mais passiva que o homem. A condição é tê-las em situação de subjugadas, inferiores, de preferência obedientes e passivas. Comportamento esse ensinado reiteradamente desde o nascimento das meninas, enquanto homens são educados para comportamentos mais agressivos, valorizando atributos como força, coragem, resistência.

Para Saffioti (2004, p. 33) os homens “[...] não ignoram a capacidade das mulheres suportar sofrimentos de ordem psicológica de forma invejável. Talvez por estas razões tenham necessidade de mostrar sua superioridade, denotando assim, sua inferioridade”. Para a autora, por estarmos em uma sociedade estruturada com base no patriarcado, o machismo é parte dessa estrutura, que acaba reforçando o sexismo. O sexismo é uma estrutura de poder que não apenas prejudica as mulheres, mas os homens também, porém as mulheres com maior incidência. Para Saffioti (2004, p. 35) “[...] as mulheres são amputadas, sobretudo no uso da razão e no exercício do poder”. Aos homens recai a cobrança da prover as necessidades familiares e ao não corresponder, também se tornam vítimas da estrutura patriarcal, machista, sexista, sendo o papel de provedor “[...] o elemento de maior peso na definição da virilidade. Homens que experimentam o desemprego por muito tempo são tomados de um profundo sentimento de impotência, pois não há o que eles possam fazer” (SAFFIOTI, 2004, p. 36). O desemprego masculino e a ameaça a virilidade poderia ser um elemento que leva a construção de discurso



sexistas, machistas, que vilipendiam e desqualificam as mulheres, como forma de manter-se em um lugar de poder? O que justifica os discursos, cada vez mais evidentes de desqualificação da mulher veiculados em alguns canais do YouTube? Ou essa seria apenas mais uma estratégia de silenciamento das mulheres, de invisibilidade, estratégias que vilipendiam e fragilizam as mulheres?

As questões aqui colocadas apenas abrem a possibilidade de pensar sobre o que está sendo produzido sobre as mulheres em alguns canais de YouTube que serão apresentados doravante. É um aspecto importante a ser analisado uma vez que esses discursos expressam concepções sobre o ser mulher, que para ser respeitável precisa corresponder a uma expectativa que tem com base em um discurso religioso, médico, político construído historicamente. Se no âmbito da política, no Brasil lutamos por democracia, significa aceitar a diferença, ser tolerante. O que ocorre é justamente o contrário, que é rejeitar o diferente, rejeitar aquilo que a ordem patriarcal considera inapropriado desde uma perspectiva masculina. Ou ainda, fala-se das mulheres e sobre as mulheres, não para entendê-las, mas para julgá-las, objetificá-las, desqualificá-las. Ainda se fala das mulheres, silencia-se sua voz. Ainda estamos construindo lugares para falar com as mulheres.

Olhar para esses modos de violência remete ao conceito de gênero, que embora bastante difundido, setores conservadores da sociedade brasileira têm operado no sentido de confundi-lo com o que se denomina de ideologia de gênero, termo criado por uma ala conservadora da igreja católica para excluir as diferenças e que foi adotado por movimentos conservadores no Brasil como forma de atacar políticas educativas de gênero e sexualidade propostas pelo governo. Sobre a ideologia de gênero Carvalho (2020, p. 17) argumenta que:

As posturas defendidas por pessoas religiosas têm proferido revisionismos dos fatos históricos e interpretações pseudocientíficas baseadas em especulações e notícias falsas. [...] Particularmente inscrito na ideia de que a educação para o respeito às diferenças, aos gêneros e às minorias LGBT seria a causa e a consequência de ensinamentos que destruiriam a ordem sexual biológica determinada na concepção e no nascimento, o amor, a heterossexualidade e os dogmas cristãos.

A defesa dessas ideias no Brasil por grupos como Movimento Brasil Livre (MBL) e Escola Sem Partido (ESP) através de publicidade promoveram uma espécie de caça as bruxas a qualquer discussão sobre



gênero e sexualidade considerando que estudos de gênero seriam um “problema público maior”, produzindo algo “[...] como patologia social produzida por posturas democráticas demais” (CARVALHO, 2020, p. 17).

Gênero é um conceito que foi inicialmente utilizado pelas feministas, como um modo de criticar o patriarcado. Para Saffioti (2004) o conceito não é apenas uma categoria de análise, mas também histórica e como tal pode ser concebido de diferentes formas. A autora ancora-se em diferentes pesquisadoras para fazer a defesa da amplitude do conceito afirmando que “[...] cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é construção social da do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2004, p. 45). Sobre essa diferença, são estabelecidas hierarquias, ficando o homem em lugar sempre mais elevado, valorizado, servindo de modelo aos demais indivíduos. Não é qualquer homem que ocupa lugar, mas homem, branco, hetero, cristão. Fato é que ao longo da história: “A gama de violências exercidas sobre as mulheres e ao mesmo tempo variada e repetitiva” (PERROT, 2007, p. 76). É sobre essas formas de violência, que embora não sejam tiros, tapas, pauladas, são formas violentas de desqualificar, ofender, minimizar, vilipendiar as mulheres. As formas violentas desqualificam a mulher em relação a sua sexualidade, historicamente vista como privilégio dos homens e reprimida às mulheres; ao corpo, quando lhe é imposto um padrão aceitável, cujas expectativas são projetadas a partir do olhar do outro e a partir do contexto cultural e histórico; em relação ao consumo, considerando problema das mulheres e não de uma sociedade capitalista que induz o consumo para sua sobrevivência e ainda a imposição de uma relação de conjugalidade, normalmente atribuída a uma necessidade natural do ser humano pelo casamento. Foucault (1985) através de estudo de textos estoicos apresenta como o vínculo conjugal foi considerado como “arte de viver casado” definida como “relação dual em sua forma” (casar é algo da natureza), “universal em seu valor” (casar é um dever, é útil ter uma esposa, ter uma descendência) e “específica em sua intensidade e força” (o casamento é a relação comunitária mais importante, mais valorizada). Resquícios desse modo de pensar ainda perduram, fazendo com que muitas mulheres consigam ver-se como realizadas em uma relação de casal, muitas vezes suportando formas de violência. De qualquer modo, atos de violência contra a mulher não só correm na relação matrimonial, como veremos doravante através dos discursos produzidos em alguns vídeos do YouTube.



Discursividades no YouTube

Uma primeira incursão nos vídeos, ainda durante a seleção mostrou que, as discussões sobre gênero, feminismo e sexualidade, mesmo sem um vídeo que, teria por tema tais assuntos, surgiam produzindo imagens sobre sexualidades e comportamentos, principalmente femininos. Alguns vídeos de Júlio Cocielo produzem caracterizações que, talvez endereçada a homens, fazem enunciações sobre/para as mulheres.

No vídeo “As possíveis indecisões femininas” Cocielo descreve a mulher como sujeito de indecisões. Suas descrições, mostrando, incoerências de seu ponto de vista masculino, surgem como um repertório regulatório ao comportamento das jovens mulheres.

Ao dizer que o “capeta” pode ser “ruim”, mas, criou uma coisa boa que rima com seu nome (apelido vulgar ao órgão genital feminino) ele conclui, iniciando a principal temática do vídeo: “[...] mulher é uma parada chata, mas ao mesmo tempo é legal e a gente não consegue viver sem” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Durante sua narrativa, ele fala que quando um casal começa a namorar, “[...] o sexo masculino e o feminino muda: não existe mais, agora é masculino e puta. Toda mulher do mundo além da sua é puta” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Esses enunciados começam a mostrar que, há a necessidade ou simplesmente existe uma competição feminina, uma necessidade de marcar espaço, mas que, beira a irracionalidade como Cocielo continua a partir do uso de sua imagem, com uma peruca, mostrando que está interpretando um personagem feminino.

- Essa mulher que tá do seu lado ela tá respirando, é uma puta mesmo.
- Eu já não falei pra você não ficar dando bom dia pra puta no WhatsApp? E daí que é sua mãe, e daí?
- [A jornalista dá boa noite ao final do programa – som ao fundo do vídeo] Olha que puta! Só você que não percebe, né? Toda noite quando esse jornal acaba ela dá boa noite, se acha que ela não tá dando mole pra você não. Que puta! (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).

Cocielo continua:

E aí numa dessas situações que você encontra uma puta na rua a sua namorada, mulher, sei lá o que for, vai morrer de ciúme e mulher com ciúme tem um problema que é a indecisão, ela não sabe o que quer, ela quer brigar, ela só sabe que quer brigar e você que tá tentando chegar numa decisão você nunca vai conseguir” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).



Essa caracterização do feminino, que beira o irracional continua ao longo do vídeo, marcada também pelo ciúme e indecisão. Cocielo novamente volta-se para a dramatização para explicitar como isso se daria efetivamente:

- Personagem Feminino (PF): Nossa, demorou hein?
- Júlio Cocielo (JC) É porque no caminho eu encontrei a Clarinha. [Música dramática, PF olhando fixamente, assustado, os dois se olham por alguns segundos]
- PF: Quem que é essa Clarinha? (tom de voz mais alto)
- JC: A Clarinha foi uma menina que estudou comigo no terceiro ano e a gente tava lembrando aquela época.
- PF: Ah, então você sente saudade da Clarinha né, cê não tá satisfeito comigo?
- JC: Não é sentido amor, é diferente, você é minha mulher, pessoa que eu amo, a Clarinha é só amiga.
- PF: E desde quando puta tem amigo? Puta, que eu saiba, tem cliente, ou será que você já foi cliente da Clarinha?
- JC: Pelo amor de deus, eu nunca tive nada com a Clarinha amor.
- PF: Não me chama de amor.
- JC: Tá, seja, seja lá o que for, ô Márcia;
- PF: Não me chama pelo nome! [Gritando]
- PF: Ah, e ontem de madrugada você curtiu a foto de uma Clarinha no Instagram, era essa vagabunda, essa puta?
- JC: Era ela mesmo.
- PF: Olha que piranha, que vagabunda! Só tira foto de puta. Você vai pegar o seu celular agora e vai dar unfollow nela. Ou você acha que tá certo cê ficar vendo essas coisas aqui? [mostra uma foto de uma mulher de burca e óculos escuros, sem nenhuma exposição de pele].
- JC: Ela tá de burca!
- PF: Aaaaaaaaaaaaaah [em um grito, deitando-se para trás no sofá] vai ficar defendendo suas amiguinhas agora?
- JC: Que isso amor!
- PF: Não fala comigo! (fingindo chorar). Ah vai ficar parado sem falar nada é?
- JC: Se decide ô caralho, cê quer que eu falo ou que eu fico quieto?
- PF: Nossa como você é grosso! [fingindo chorar]
- JC: Quer chocolate?
- PF: Eu te amo [sorrindo] (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).

Depois dessa descrição, levando sua argumentação sobre o comportamento feminino aos extremos (choro, riso, gritos), argumenta que, se fosse o contrário (a mulher encontrando um amigo na rua o homem não poderia discutir do mesmo jeito, os homens ainda vão estar errados e “[...] a mulher vai conseguir ficar por cima em qualquer situação (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo)”. Cocielo faz a mesma



interpretação duas vezes, mostrando que tanto mostrando ciúmes como ignorando geraria a ele problemas. Caso sinta ciúme a mulher responderia:

Você não confia em mim não? Cê acha que eu tô te traindo? Cê acha que eu dou liberdade pra homem na rua? Eu não sou você não que fica dando liberdade pra essas vagabundas, fica curtindo foto de puta, dando bola pra vagabunda, pra piranha (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).

O segundo caso é ignorando o fato, e isso geraria respostas como: “[...] você não tem mais ciúmes de mim (chorando); você não me ama mais” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Caso você dê chocolate a ela (o que parece ser a solução dos problemas de relação) e isso funcione, sugerindo uma relação sexual anal, sua reação seria “[...] você só pensa em sexo! Você só tá comigo por isso [chorando copiosamente] (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo)”. Tentando resolver a situação e dizendo que não quer mais fazer sexo ela ainda responderia, gritando: “Aaaaaaaah, você não sente mais tesão em mim! [chorando e gritando]” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Por fim, Cocielo declara que “[...] a palavra solução não existe no vocabulário feminino” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo), e que a definição de solução no dicionário seria briga ou chocolate. Nas datas comemorativas a mulher compra chocolate e diz “[...] comprei chocolate pra gente comer” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). E Cocielo grita que a mulher compra “PARA ELA comer” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).

Tedeschi (2012) ao abordar o tema da mulher na história, vê na filosofia a constituição da oposição masculino-feminino, marcado pela racionalidade e irracionalidade, respectivamente. Esse pensamento traz posições de sujeito bem específicas que pressupõe a submissão por parte da mulher, ao passo que, a racionalidade está ao lado masculino. Por outro lado, Machado (2015) reitera que, os funks brasileiros, principalmente de mulher, apresentam a questão da competitividade feminina, assim como faz entender alguns enunciados vistos no vídeo de Cocielo. O ciúme, em vista da atenção masculina produziria esse comportamento feminino, assim como, a inveja e o “empoderamento feminino” também seriam motivos para competição.

Cocielo continua sua narrativa falando que, a mulher, depois de comer o chocolate fica com “a neurose” de estar gorda e que “mesmo usando crack” (o que supostamente a faria estar muito magra) ainda assim é motivo para que se sinta mal. Fischer (1996) colabora nesta discussão ao



declarar que o corpo feminino enquanto corpo magro é o desejado desde o século XX, o que seria diferente nos séculos anteriores ao passo que o corpo robusto era sinal de fartura e prosperidade. Essa constituição do corpo esbelto feminino se faz cada vez mais presente na educação das jovens mulheres. Esta educação traz consigo o desprezo, humilhação, e essa produção é obra do discurso machista amparado na publicidade, nos programas televisivos, nas revistas, nos produtos digitais, na indústria de cosméticos e cirurgia estética.

Nas enunciações de Cocielo se mostra uma produção discursiva sistemática que enfatiza a mulher em uma posição de ciúme e irracionalidade, e que de algum modo precisa brigar, enfatizar seu papel ao lado do homem, do contrário o perde. Essas caracterizações ecoam no público masculino e feminino, lembrando o que escreve Louro (2008) sobre sexualidade e o gênero, conceitos que permitem pensar como as diferenças são construídas socialmente permitindo questioná-las. Os enunciados da mídia, mais do que definir, normatizar e naturalizar, também ensinam, produzem modos de ser. A diferença (estabelecida socialmente, sempre em relação a algo, uma referência) fica posta entre homem e mulher, tomando o homem e seu comportamento como norma, e trazendo a mulher como o diferente. Como escreve Louro (2008, p. 22): “A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais”. Essa construção discursiva sobre o corpo e comportamento feminino sem dúvida se assenta em uma cultura, que se entende por dominante, sendo esta machista, sexista, homofóbica. Na enunciação onde o personagem feminino teria ciúme da apresentadora do jornal, parece que a problemática não está no ciúme de uma pessoa real, virtual ou inexistente, mas sim, na produção de um discurso que caracteriza a mulher como sujeito ciumento, irracional, desqualificado. De outro lado, tais enunciações podem estar caracterizando o jovem homem como racional, ponderado, consciente de si, dono de si. Há que tornar visível, na linguagem, quais os elementos que produzem um sujeito diferente do masculino, mas não apenas diferente, e sim, inferior.

Cocielo, caminhando ao final do vídeo continua dizendo que:

[...] eu não tenho nada contra gorda, inclusive eu já peguei umas, a última que eu peguei eu até lembro que tinha esquecido de comprar camisinha, aí eu falei – gorda eu vou comprar camisinha, já volto, aí ela pegou e me falou assim,- traz aquela de chocolate? Eu queria experimentar (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo).



Depois de dizer que, ao usar uma camisinha de caipirinha a mulher poderia ficar bêbada, ele complementa: “[...] mulher que transa muito não é puta, mulher que transa muito é um sonho de estante” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Fischer (2005) ao falar sobre o dispositivo de sexualidade de Foucault (2017) declara que ele opera não por meio do controle-repressão, a hipótese repressiva que Foucault descreve em a História da Sexualidade, mas que, em detrimento de uma apropriação da discussão sexual por parte da igreja e o desenvolvimento de campos de saberes ligados à dimensão sexual, uma *scientia sexualis*, se teria produzido uma explosão discursiva que, mesmo regulado e controlado, há uma incitação para se falar sobre o sexo. O dispositivo opera por meio do controle-estimulação, julgando de certo modo, como Cocielo faz no vídeo, mas dele falando, enunciando qual tipo de mulher é desejada pelo homem (aquela que transa muito) ao passo que sobre sua sexualidade e seu comportamento deve ser regulado, estereotipado (mulher é chata, briga, pode ser comprada com chocolate).

No vídeo “Vendas Eletrodomésticas” Júlio Cocielo continua descrevendo o comportamento feminino, enfatizando que ao contrário dos homens que são práticos – “[...] eu acho que todo homem deve ser prático, deve comprar na primeira loja” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo), quando se trata de compras em shopping, e a mulher também deveria ser mas “[...] a mulher entra na primeira loja, aí ela entra em outras 370, vê todas lojas do shopping, depois volta na primeira pra comprar o que ela já provou e pra piorar ela prova de novo. Eu queria entender porquê mulher gosta tanto de loja” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo). Ainda na temática loja e compras, Cocielo “brinca” com os nomes femininos, principalmente afirmando que “[...] Janaína é nome de armário, não dá” (JÚLIO COCIELO, transcrição do vídeo), o que denotaria uma regulação feminina extrema, até sobre o nome.

Foucault (2017, p. 81) escreve que o domínio da sexualidade é produzido por uma “[...] rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes [...]”, muitas vezes não tão sutis como podemos observar nas enunciações do vídeo, mas, principalmente marcado pela sua presença na superfície das coisas. Se é possível pensar que o sexo e o comportamento sexual se inscrevem como “tabu” ou naquilo que é proibido, a obra de Foucault e algumas enunciações dos vídeos já analisados mostra que do sexo se diz muito, entretanto, não são todos que o dizem. Os regimes de visibilidade permitem que uns falem dele enquanto outros se calem. Os



enunciados sobre o sexo se repetem em diferentes universos sociais, mesmo quando se inscrevem como “brincadeira”.

No último vídeo, ao mínimo duas divisões se tornam existentes. Para existir, a mulher precisa de um nome que seja julgado adequado pelo homem, expressão de seu poder patriarcal. Todavia, levando em conta a concepção patriarcal da divisão entre trabalho doméstico e trabalho (evidentemente masculino) parece haver um destaque em relação às práticas de consumo. As mulheres aqui aparecem, na narrativa de Cocielo, como sujeitos de consumo, que procuram, compram, visitam lojas. Podemos insinuar que, em uma configuração tradicional, as mulheres e crianças são objetos da publicidade, já que o ambiente doméstico, além de preencher seu tempo em seu próprio ambiente, também oferecem material para a subjetividade das mulheres, incentivando o consumo.

Por entender que o material analisado é diverso, e que, onde há poder há resistência (FOUCAULT, 2006), alguns youtubers fazem circular outras enunciações, que também caracterizam outros modos de ser mulher, mesmo que não dito por mulheres, efetivamente. De certo modo, o YouTube pelo acesso e distribuição livre faz circular diferentes enunciados, dependendo, no entanto, da chancela do público para que estes circulem.

Os vídeos de Kéfera parecem bastante diferentes dos já destacados, inclusive por apresentar um vlog mais parecido com a noção tradicional de um relato como diário (SIBILIA, 2016). No vídeo “5inco Minutos - MEU FILME PORNÔ”, Kéfera conta como recebeu uma proposta de uma produtora de filmes pornográficos para realização de um filme. A partir de uma narrativa bastante cômica destacando o quão estranho foi receber tal proposta, ela começa a mostrar que o fato a incomodou, e que, ao se perguntar se tinha “cara de atriz pornô” chega conclusão de que “[...] tá todo mundo perdendo a noção e acha que se tem alguma mulher fazendo sucesso na internet essa mulher necessariamente tem que estar relacionado com alguma coisa sexual” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). Ao final do vídeo, assim como uma Fábula do Esopo, vem a moral da história ou a reflexão como ela propõe:

[...] para de tratar a gente como objeto, caralho! Não é porque eu sou uma mulher, não é porque tem que gente que tá me fazendo ter visualização que eu quero usar isso para de repente mostrar o meu útero, como ele é por dentro. Eu não quero fazer uma excursão de como seria minha vagina, eu tô bem assim, eu tô bem de roupa na frente das câmeras. Aí eu fiquei um pouco assim pensativa em relação a como



Lucas da Silva Martinez,
Prefeitura Municipal de Santa Maria Sueli Salva,
Universidade Federal de Santa Maria

caralhos assim a gente ainda vive um mundo muito escroto que que tudo é motivo para ir para um lado sexual da coisa, falei: Gente do céu não é uma merda isso? (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Ao contrário de alguns ditos nos vídeos de Cocielo, Kéfera problematiza o espaço social da mulher, principalmente do ponto de vista sexual e da representação da mulher-objeto. Por e-mail o suposto produtor teria ainda destacado que ela tinha muita popularidade e que tinha um corpo bonito, visto por fotos. Nesse momento Kéfera exclama:

Você tá zuando com a minha face? Que você viu fotos minhas de corpo e necessariamente você associou que eu tenho alguma coisa a ver com sexo? (tipo assim, eu não posso simplesmente tá vestida e com corpo que eu tenho, independente de ser magra, gorda, alta ou baixa, eu só tá existindo e criar um outro tipo de conteúdo que não seja relacionado a sexo). Me poupe! (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Essa imagem feminina enquanto sujeito de sexualidade que está sempre disposta a ser explorada circula livremente. De dois modos ele circula: a) pela boca do Presidente do Brasil que anuncia: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade [...]” (REDAÇÃO PRAGMATISMO, 2019, s./p.), o que nos permite entender que as mulheres estão dispostas a ter relações com quem quiser vir; e b) por meio das tecnologias digitais que, com tecnologias avançadas de edição de imagem e inteligência artificial (conhecidas como deep fake) conseguem mudar o rosto de qualquer pessoa em qualquer vídeo, o que poderia inclusive incitar cada vez mais a sexualização do corpo feminino.

Está sempre em jogo a regulação dos comportamentos. E isso se mostra mais visível na fala abaixo descrita, na resposta da Kéfera ao produtor:

Daí o cara ainda falou assim: não, é porque eu vejo que você trata esse tipo de assunto assim, de sexo, com muita espontaneidade, sempre brincando com isso. Eu falei: exatamente, eu tô sempre brincando com isso, não é porque eu falo “aah, piroca, pinto, UHU” que eu necessariamente tenho que estar em cima de uma, não é mesmo? Posso estar brincando! (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Kéfera ao longo dos seus vídeos, assim como muitos youtubers fazem e aos poucos apontamos, usa do tema do seu vlog para fomentar nos sujeitos o compartilhamento da sua experiência, como uma confissão. Assim como o Complexo WITCH (PRATES, 2008), a TV brasileira e a revista Capricho (FISCHER, 1996; 2012) ensinam meninas a agirem, principalmente por meio de conselhos, o vídeo “5inco Minutos -



TÉRMINO DE RELACIONAMENTO!” de Kéfera mostra como ela se coloca no lugar da experiência para aconselhar o seu público. Ela que, nos últimos anos da carreira mudou sua proposta de vídeos, ao falar sobre seu amadurecimento e da possível competência para discutir tais assuntos declara:

[...] cara agora tenho 25 anos, eu tenho noção sabe, cada vez me conhecendo mais e buscando o meu autoconhecimento, agora tenho noção e tenho base, tenho estrutura para conseguir falar sobre assuntos que eu não conseguia antes, então, vou me julgar quando eu comecei o canal com 17 anos e meu primeiro vídeo foi sobre vuvuzela? Xingando pessoas que assopravam vuvuzelas sendo que agora a gente tá falando sobre assuntos mais maduros e que tentem somar e tal na cabeça de quem assiste? (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Declaradamente Kéfera se coloca na posição de aconselhadora e legítima ainda mais essa posição ao dizer que ela não fez curso superior, mas que se fosse fazer hoje cursaria Psicologia, o que supostamente, habilitaria ainda mais para escutar e aconselhar. Amparada pela sua experiência ou por um discurso sobre a experiência, tal qual Walter Benjamin (2007) nos lembra no texto “Experiência”, Kéfera se coloca como alguém que pode ensinar algo.

No vídeo ela “ensina” a identificar quando no final do relacionamento você estaria sofrendo por amor ou apenas pelo seu ego. Aos poucos ela elenca alguns conselhos, que assim como escreve Prates (2008) pode ser entendido como lições. O primeiro deles é “[...] não caia na armadilha do seu ego” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). Não deseje que o outro que se arrependa ou esteja sofrendo por você, afinal, isso se trataria de “[...] buscar sua validação no outro, cai até em cima da nossa autoestima [...]” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). Isso pode ir aos extremos quando para se vestir ou para se sentir bem você precisa perguntar a outra pessoa o que ela acha: “A questão fica um pouco preocupante quando você se baseia demais só no que os outros estão falando pra ter a validação e falar: Ah, então tô bem!” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). Nesse sentido, Kéfera argumenta que é você que precisa se sentir bem consigo mesma, se sentir bonita ou pronta para sair: “Se você está se sentindo bem, tá tudo bem! Vai, confia! A pergunta é: E você com vocês mesma?” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

A segunda lição é “[...] valorar quem foi você na relação” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). As pessoas mudam e o fim de



relacionamentos sempre é culpa dos dois. Portanto, Kéfera lembra o seu público de que as pessoas mudam, não são como antes, e, que, junto com isso, não adianta esperar que o outro reconheça os seus erros ou, reconheça e peça para voltar apenas para “você dizer que não quer mais”, o que seria cair na armadilha do seu ego. “As pessoas só dão o que elas têm [...]” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo), o que implica aceitar que nenhuma relação é perfeita, que as pessoas não se empenham nas relações o tanto que deveriam, ou, realmente não conseguem, e nesse movimento, é importante pensar o que você fez mas isso agora já está no passado, não pode ser diferente. “Se você tem consciência de quem você foi no namoro, tá ótimo! É aí que a gente tem que chegar” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

A terceira lição é: “[...] quando um relacionamento termina, não fica nessa, não cai nessa de pensar: ah, mas talvez, daqui há uns anos...” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). Não fique alimentando esperanças, quanto mais você alimenta é mais uma forma de você “[...] continuar se enfiando no buraco, continuando sofrendo e se prendendo ao seu passado” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo). E, portanto: “Tenta viver com tudo o agora” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo), principalmente tentando se conhecer. Se conhecer enquanto pessoa solteira, não ter medo de ficar sozinha ou ser julgada por ficar sozinha, o que leva as pessoas a saírem e entrarem em outro relacionamento para não ficar sozinhas. “Tem gente que não sabe quem é!” (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Encerrando o vídeo ela declara:

Espero que esse vídeo aí tenha dado uma acalmada no seu coraçãozinho e tenha esclarecido um pouco as coisas, se você tá sofrendo por amor, tudo bem, vai passar, você tá no seu direito, vive seu luto aí, também é importante, mas amadurece na sua cabeça do “eu estou sofrendo”. Não sofra se você não precisa, evita sofrer! (KÉFERA BUCHMANN, transcrição do vídeo).

Esse vídeo mostra bem como os influenciadores da internet se colocam no papel de especialistas para dar conselhos sobre a vida amorosa de seu público (SIBÍLIA, 2016). Eles, de algum modo, não estão construindo unicamente modos de ser jovem homem e mulher, mas também, agem para que o outro, alvo de seus ditos, cuidem de si e ajam sobre si mesmos, em busca da felicidade. Não está em questão aqui a validade das lições de Kéfera, mas sim, tornar visível esse processo de



aconselhamento compreendendo-o como um modo útil de governar na contemporaneidade.

Considerações finais

O comportamento feminino, na maioria dos fragmentos analisados, se coloca em julgamento, para indicar e mostrar as diferenças entre o masculino e o feminino; ou, como modo de perceber para transformar, fruto de um trabalho sobre si mesmo, o que podemos entender a partir das tecnologias do eu (FOUCAULT, 2008). Tendo em vista que, na contemporaneidade, o espaço digital promoveu novos personagens como responsáveis pela juventude contemporânea, em alguma maneira, os youtubers aparecem como jovens adequados a lógica do tempo presente que enunciam sobre a para os jovens, dizendo como devem se comportar para ser melhor ou não. Todavia, se coloca em discussão como fazer circular outros discursos que valorizem o respeito, a democracia e a liberdade, inclusive sobre o próprio corpo. Nos fragmentos apresentados dos vídeos, com exceção dos vídeos de Kéfera, a mulher é exposta a diferentes tipos de violências, discriminação, julgamento moral, controle do corpo e comportamento. O movimento feminista e os estudos de gênero, podem ser importantes aliados para compreender e problematizar impactos desses discursos na construção de identidades femininas.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 05 mar. 2019.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Duas Cidades, 2007.

BRASIL tem quatro youtubers entre os dez mais influentes. *Meio&mensagem*, [S. l.], 28 jul. 2016. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/07/28/brasil->



tem-quatro-youtubers-entre-os-dez-mais-influentes.html. Acesso em: 24 set. 2019.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, Fabiana Aparecida. Para além de “meninas vestem rosa, meninos vestem azul”: As conjunturas e as ideologias nos novos rumos da educação para os gêneros e as sexualidades. *Revista Educação (UFSM)*, Santa Maria, v. 45, e94, 2020. p. 02-30. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/39468>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/SO104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 08 out. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. 297 p. Tese (Dissertação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 43-58, abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: a arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA. *Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Fórum de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2021.



FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. “1977 – Poder e Saber”. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 223-240. (Coleção Ditos e Escritos IV).

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GIROUX, Henry A. “Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 132-158.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. “Por uma pedagogia crítica da representação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 144-158.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 20 mar. 2019.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução por Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução de Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.



KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. “Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 104-131.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 out. 2019.

MACHADO, Viviane Hasfeld. *Aprendendo sobre feminilidades e masculinidades no funk brasileiro*. 2015. 90 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, Pelotas, 2015.

MARINHO, Maria Helena. A personalidade mais influente do Brasil é um YouTuber. *Think With Google*, set. 2017. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/personalidade-mais-influente-do-brasil-e-um-youtuber>. Acesso em: 06 abr. 2019.

MARTINEZ, Lucas da Silva. Lições e pedagogias culturais no YouTube endereçadas aos/às jovens: outras configurações da pedagogia no contemporâneo. 220 p. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PRATES, Camille Jacques. *O COMPLEXO W.I.T.C.H.: acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo*. 2008. 197 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008.

REDAÇÃO PRAGMATISMO. “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade”, diz Bolsonaro. *Pragmatismo Político*, [S. l.], 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <http://portal.seer.ufba.br/index.php/cadgendiv>



SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

THINK WITH GOOGLE. Os youtubers brilham na tela dos jovens brasileiros. Mas, e na sua estratégia? *Think With Google*, out. 2016. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/youtubers-brilham-tela-dos-jovens-brasileiro>. Acesso em: 06 abr. 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



Gender and Violence in discourse on YouTube

ABSTRACT: The objective of the study is to analyze and problematize some discourses addressed to women on YouTube, based on gender issues. From the theoretical lens of Cultural Studies in Education and Gender Studies, discursive fragments found in YouTube videos by youtubers Júlio Cocielo and Kéfera Buchmann were analyzed, observing in them a proliferation of discourses addressed to girls and women laden with gender violence. Women are exposed to different types of violence, discrimination, moral judgment, body control and behavior. The feminist movement and gender studies can be important allies to understand and discuss the impacts of these discourses on the construction of female identities.

KEYWORDS: Gender. Culture. YouTube. Violence. Speech.

Lucas da Silva MARTINEZ

Pedagogo, Especialista em Docência no Ensino Superior, Mestre e Doutor em Educação. Pesquisador Associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura. Professor de anos iniciais da Prefeitura Municipal de Santa Maria.

Sueli SALVA

Pedagoga, Especialista em Dança, Mestre e Doutora em Educação, com estágio pós-doutoral pela UNIMI/Itália. Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria.

Recebido em: 22/01/2023

Aprovado em: 30/01/2024